

II

Um inesperado cheiro de café torrado em casa me agrediu agradavelmente, impunemente, na tarde de ontem, numa rua sossegada e distante desta cidade, quando eu buscava localizar um endereço desconhecido — e me devolveu de repente ao sertão de antigo outrora e outras tardes preguiçentas como esta, longas, tranqüilas, intermináveis tardes de verão, de sol medonho e calor grande.

O silêncio enorme daquelas tardes paradas só era ferido por um ou outro cacarejar de galinha, por balido de ovelha solitária, pela batida cadenciada da mão-de-pilão num fundo de casa, ou pelo canto extemporâneo de alguma moça sonhadora que, entregue ao seu mister de fazer renda, ou a outra prenda doméstica, deixava sair solta, numa modinha, a voz descompassada e dolente, cantando uma velha, incurável mágoa de amor.

O cheiro de café torrado me trouxe de volta à nossa casa da esquina e eu revi num instante o catavento, a canafístula, Chico canoeiro, Joaquim, o sacristão, que um dia tentou se matar nas águas do rio e a figura andeja de Amélia, fofqueira oficial, vivendo de não fazer nada, respeitada pelo perigo que representava, recolhendo ajuda nas casas, para seu sustento e para as outras irmãs solteironas e, ao mesmo tempo, tecendo estórias, levando e trazendo, inventando, quando a provisão natural empobrecia.

Foi todo um mundo perdido que tomou vida de repente, foram pessoas, coisas, momento, casos que animados pelo cheiro daquele café torrado ressuscitaram de surpresa e repetiram antigas tardes de céu como este, com as mesmas nuvens de verão manchando-lhe o claro-azul, vagabundando em pleno dia de trabalho.

Mas a figura principal desta ressurreição é a de Maria Biluquinha, que vivia de torrar café nas casas, enrugando cada vez mais a pele mulata na beira do fogo e depois, pachorrentamente, escanchada no pilão horizontal, pilava os caroços compassadamente, ritmando as pancadas. E suando, sofrendo todo dia no trabalho difícil que lhe garantia precariamente a sobrevivência honesta. Era rápida, alegre, cochichante, falava num tom de incansável conspiração, como se trouxesse consigo uma longa colheita de mistério para distribuição a toda hora.

— Maria Biluquinha, de que morreu teu pai?

E a resposta sussurrada vinha pronta, invariável:

— Morreu de improviso.

Se alguém ria, Maria Biluquinha deitava mais brilho nos olhos miúdos, baixava ainda mais a voz rouca, informava, num acréscimo confidencial, gratuito:

— Ah, meu bem, eu também queria morrer assim, calma como um passarinho, na maior satisfação.

Tempo de festa da igreja, ou nas manhãs de domingo, Maria Biluquinha passava irreconhecível, imaculada no seu vestido branco engomado. E a figura pequena, velhota, rápida, a modo que corria em cima do sapato baixo, carregando o terço numa mão e na outra um buquê de jasmim ou bogari, que levava para o altar do Senhor Santo Antônio.

E em lá chegando, discretamente, como quem passa contrabando, com a rapidez de quem rouba, se alçava nas pontas dos pés, tomava um jarro do santo, depositava as flores, depois corria a se ajoelhar diante do altar-

mor. Agora estou certo de que as moças que arrumavam a igreja, as decoradoras, já deixavam aquele vaso deliberadamente, à espera da contribuição de Maria Biluquinha.

Passei muitos anos sem vê-la, mas, numa das minhas rápidas voltas ao interior, fiz questão de encontrá-la, e consegui. Estava mais velha, é claro, e já não pilava café, porque as forças não davam — vivia de ajuda. E, quando lhe perguntei de que morrera o pai, a resposta não se fez esperar:

— Morreu de imprevisto.

Quando perguntei se ainda estava disposta a morrer no mesmo modelo da morte paterna, naquela maior satisfação, foi categórica:

— É só Deus querer.

E foi assim mesmo que se finou Maria Biluquinha, que ontem, a tarde inteira, me acompanhou, nas ondas daquele cheiro suburbano de café torrado em casa.